

Projeto:

Empilhar tempos, compostar: um arquivo dos seres e dos espectros da Floresta da Tijuca

Maurício Chades e Nayla Ramalho

Ensaio 1:

Jardim Exótica

Aqui há o delineamento, em imagens, de forças que compõem a Floresta da Tijuca. Forças que podem vir como um arrebatamento, como uma incompreensão, como uma desorientação. Entrar em uma floresta e ouvi-la, o que ela diz? O que um fungo, um pássaro, uma seiva escorrendo diz que não pode ser traduzido para as línguas humanas? Mas também o que diz essa floresta aumentada, invadida pelos sons dos helicópteros, pelas ruínas de tijolos, pela ação que reduz o fluxo da seiva de uma árvore? Que floresta é essa desmontada, arruinada, trabalhada pelas mãos humanas que tentam criar condições de diversificação de espécies e adiamento da dominação de uma planta?

A Floresta da Tijuca tem como anteparo camadas de história sobrepostas embaixo das árvores, que lhes servem como adubo, compondo suas folhas e frutos. Em um ciclo de degradação sem fim, a história dessa terra se quebra e dilacera em pedaços cada vez mais ínfimos, cada vez mais invisíveis. Aqui estão imagens, especialmente da Jaqueira, essa árvore que alimentou os povos escravizados, que passou a compor o cenário do re-plantio da floresta arrasada pelos cafezais no período colonial. Que silêncios essas jaqueiras carregam? O que se perde, quais memórias caem no solo quando elas são derrubadas? Quanto sangue negro e indígena se decompõe mais uma vez, se arruinando, desaparecendo?

Houve um esforço por sobrepor uma outra memória sobre esse desaparecimento, uma memória de resgate ou, tentativa de reparação ínfima às violências que se imprimem nessas terras. Foi construída, ao lado do Parque Lage, entre o casarão e a floresta, uma Oca Huni Kuin. Como em um corredor de ligação, como que indicando que ali, talvez, estivesse a resposta para a intrusão da floresta na cidade e da cidade na floresta, como uma possibilidade de confusão de fronteira, ali, a Oca foi instalada. Após alguns anos, misteriosamente, pegou fogo e precisou ser interrompida, isolada, interditada. Ela é uma ruína percorrida pelos macacos. E aqui, junto com as Jacas, ela é monumentalidade.

Que monumento é esse, formado de frutas em decomposição e uma construção indígena arruinada? Indicação de que o tempo pode ser deformado, o espaço pode ser invertido e sofrer intervenção para que, de alguma forma, mesmo que de maneira banal, a morte seja adiada. Irônico pensar como as imagens podem carregar a morte, o que se olha é sempre o que não está mais ali. Mas, afinal, como a imagem pode também inverter ou enganar essa mesma morte?